

De volta pra casa ou o caminho sem volta em duas narrativas do Brasil

Simone Pereira Schmidt

Se nos dedicarmos a refletir sobre as questões de raça e gênero no Brasil contemporâneo, um aspecto que merece destaque, e que é iluminado primeiramente pela leitura do país que fez Gilberto Freyre, é o modo como se reconstrói constantemente, na sociedade brasileira, o intervalo tenso entre a casa grande e a senzala. Os deslocamentos entre o campo e a cidade, entre o centro e a periferia, entre o sul e o norte (ou, lembrando Boaventura de Sousa Santos, entre o sul do norte e o norte do sul)¹ são formas nas quais se desdobra o espaço intervalar fundador das desigualdades sociais, raciais e de gênero no país. Do encontro do senhor com sua escrava, encontro eivado de violência sexual, resulta o corpo colonizado, em duplo sentido: primeiro, o corpo da mulher escrava, apropriado, assujeitado pelo poder patriarcal/sexual/racial do senhor. Segundo, o corpo mestiço, fruto do contato sexual inter-racial. Este corpo mestiço que, segundo o depoimento do escritor angolano Arlindo Barbeitos², constitui-se em verdadeiro campo de batalha, para onde confluem todas as contradições inerentes ao contato entre brancos e negros na história colonial de seu país.

O corpo feminino subalterno, palco de conflitos onde se desdobram as tensões resultantes das relações desiguais de gênero, raça e classe no Brasil, corpo colonizado e verdadeiro campo de batalha, em cujos movimentos ainda se enfrentam a casa grande e a senzala, este corpo se encontra representado em textos ficcionais recentes, dentre os quais destaco as narrativas que pretendo abordar neste ensaio. Minha leitura incidirá particularmente sobre suas personagens, intensamente representativas da experiência feminina situada neste espaço tenso a que nos referimos.

Em *As mulheres de Tjucopaço*, romance originalmente publicado em 1982, Marilene Felinto nos apresenta a personagem Rísia, uma jovem mulher que, enquanto marcha obstinadamente em direção à terra onde supõe que en-

¹ Santos, “Do pós-moderno ao pós-colonial. E para além de um e outro”.

² Barbeitos, “Une perspective angolaise sur le lusotropicalisme”, pp. 323-6.

contrará sua origem, nos entrega o relato brutal de suas memórias doloridas, cortantes, violentas. A pobreza e a ausência de afeto no ambiente familiar marcam em definitivo a personagem:

Sou de uma família muito pobre e vou levar a vida a tentar descobrir por que essa injustiça. É muito ruim ser pobre. Você passa a odiar seus irmãos porque eles não deixam comida para você e porque você dorme no mesmo quarto onde eles chegam para dormir fazendo zoada. (...) É muito ruim ser pobre – você tem vontade de matar seu pai, você não ama sua mãe³.

A história que nos relata é marcada por partidas: do escaldante Recife da infância para a esperança de vida melhor em São Paulo; da frustração de São Paulo rumo à utopia de uma revolução de mulheres guerreiras em Tijucopapo, terra onde teria nascido sua mãe. A narrativa inteira transcorre, portanto, na travessia: da casa paterna para o mundo do lado de fora, de São Paulo em direção a Tijucopapo, da infância para a vida adulta, enfim, todo o romance descreve o percurso de uma passagem, e, neste sentido, ele pode ser lido como um rito de iniciação, através do qual a personagem busca a compreensão de sua história e o enfrentamento de sua condição.

Em *Ponciá Vicêncio*, romance de Conceição Evaristo, lançado em 2003, também encontramos a passagem, o deslocamento e a formação da personagem. Ao contrário de Rísia, no romance anterior, a protagonista que dá título à narrativa de Conceição Evaristo possui uma subjetividade fortemente ancorada na memória afetiva de sua família de origem. Criada entre descendentes de escravos, de cujo antigo senhor herda o seu próprio nome, Ponciá decide abandonar o campo e a vida familiar para tentar a sorte na cidade. Sozinha, parte em direção ao desconhecido, que a engole. Ponciá desaparece no anonimato da cidade. A narrativa transcorre na passagem entre sua infância e a vida adulta, entre o campo e a cidade, entre as lembranças que a sustentam e o presente vazio. Lentamente a personagem vai submergindo em sua própria memória, apagando sua presença no momento em que vive, deixando-se consumir pelas lembranças, como a buscar um tempo passado, ou inexistente. A narrativa da trajetória de Ponciá é o relato de uma ausência crescente, e de um desejo intenso de voltar.

Na trajetória das duas personagens, Rísia e Ponciá, o marco inicial de sua formação é a estrada. Ao deixar seu pequeno povoado, e o aconchego da

³ Felinto, *As mulheres de Tijucopapo*, p. 123.

casa materna, Ponciá toma o trem que a levará até a cidade, até a promessa da cidade, até a vertigem da cidade:

Quando o trem foi diminuindo a marcha e parou na plataforma, Ponciá Vicêncio apertou contra o peito a pequena trouxa que carregara no colo durante a viagem inteira. Levantou-se aflita e olhou desesperada lá fora à procura de alguém. Não divisou um rosto conhecido, experimentou um profundo pesar, embora soubesse de antemão que não havia ninguém esperando por ela. Não conhecia ninguém, nunca viera até a cidade e todos os seus parentes haviam ficado para trás. Nenhum deles havia ousado tamanha aventura⁴.

É importante destacar, neste trecho, a constatação de que Ponciá é a primeira, dentre os seus, a ousar a aventura da partida. Rísia, de *As mulheres de Tijucopapo*, também está a caminho. E vem pelo caminho de dentro, evitando a BR, vem pelo mato em busca de uma improvável origem, em busca de uma utopia e de uma vingança:

Quando tive de escolher o meu jeito de ser, optei pelo mais conhecido de mim, esse jeito que foge. Terei esquecido o alfabeto? Saberei falar coisa com coisa ainda? Gaguejarei? Quase perdi a fala em São Paulo, mas os meus amigos eram Pedro, uma fala que há meses não mereço. Eu me incumbi desse castigo que Deus me deu de ir mata adentro evitando a BR engenheira que leva e traz carros de São Paulo. A BR nº tal. A BR tal. Lá fora, em São Paulo, o mundo acontece aos goles, aos gotos e arrotos. Eu não sei sequer do se trata⁵.

Sua andança pelos caminhos de dentro, em busca das mulheres guerreiras de Tijucopapo, tem o sentido mítico de uma busca original. A referência aos “amigos que eram Pedro”, numa alusão ao texto bíblico, confirma o tom de certo modo religioso atribuído, por vezes, pela narradora à sua fala. A busca pelas mulheres de Tijucopapo ganha certa transcendência, como assinala Marilena Chauí no prefácio do livro: “Mulheres de Tijucopapo, promessa de outro e novo começo contra as mães que ‘puseram em minha conta o que não cabia na conta delas’, perseguidas por seguidas traições que não souberam vingar”⁶.

⁴ Evaristo, *Ponciá Vicêncio*, p. 34.

⁵ Felinto, *op. cit.*, p. 142.

⁶ Id., p. 12.

Colocando-se em movimento, em direção ao mistério e à salvação representada pelas mulheres que hão de vingar o seu passado, seu e de todos aqueles que, como ela, são “feitos de lama”, “pobres de pai e mãe” e têm as cidades armadas contra si, Rísia relembra: “Quase perdi a fala em São Paulo”. Na suspensão de sua fala, nesta espécie de mudez imposta, contra a qual seu relato doloroso se finca como uma bandeira, percebemos a violência da cidade apontando para a personagem: “Saí de São Paulo porque lá, se eu quisesse, eu não podia; “Saí de São Paulo para não ser puta”; “No centro da cidade de São Paulo havia concreto armado contra mim”; “Em São Paulo eu me achava uma apedrejada”⁷. É por isso que, no ato redentor final das mulheres guerreiras de Tijucopapo, suas armas estarão apontadas diretamente para a Avenida Paulista, símbolo maior da opulência, da grandiosidade da cidade em oposição à carência daqueles que vivem à margem do país, do mundo e da vida, como Rísia:

Destas regiões que são agrestes, eu vou descer em batalha, em marcha, em desfile de muito orgulho por uma causa justa (...) eu vou descer em guerrilha com o bando, vou invadir a BR que liga Tijucopapo à Avenida Paulista na São Paulo das maçãs do paraíso e vou à procura de umas tantas luzes, umas tantas lâmpadas da Avenida Paulista para dependurar nos postes da minha rua naquele dia em que as luzes não se acenderam em Recife, 1969, fim de tarde, Nema seguindo para Pedra Branca e me abandonando desprotegida seminua no meio da rua, passarás. Nós vamos e a bandeira há de ficar. Vamos fincar bandeira⁸.

Em seu contato com o desconhecido ameaçador da cidade, Ponciá, por sua vez, está só. Perceber-se só é motivo de profunda aflição, talvez de um sofrimento insuportável, para quem, como ela, provém de uma teia sólida de laços familiares, de uma rede identitária calcada na ancestralidade, nas histórias de sua família, na lida do campo e no trabalho artesanal. A cidade, onde é desconhecida, suspende de um só golpe seu contato com suas mais profundas raízes. E a personagem mergulha na escuridão de um mundo povoado apenas de lembranças. Rísia, ao contrário, não possui tais raízes, e conclui que “Eu só vivo no mundo porque não há outro lugar para viver. Porque o mundo, de São Paulo a Recife e aos lugares todos onde se rodam

⁷ Id., pp. 137, 138, 141.

⁸ Id., pp. 185-6.

os filmes de cinema, o mundo mesmo dói demais”⁹.

Na cidade se traça a geografia da pobreza e do anonimato que fere as personagens. A mudez que as ameaça é a marca visível da violência que sofrem. Contra ela, Rísia impõe sua fala cortante; para defender-se dela, Ponciá mergulha nas lembranças e no devaneio. No corpo, as mulheres vivem sua exclusão. Ponciá se ausenta da realidade, o olhar perdido na janela, a lerdeza dos gestos, suscitando a perplexidade, e, por vezes, a reação violenta do marido. Seu corpo inerte não responde aos gestos ora brutais, ora consternados do marido, e nem ao seu próprio comando. Em *As mulheres de Tijucopapo*, o corpo de Rísia se mostra, segundo Elódia Xavier, como um corpo violento:

Aqui, a violência é a mola propulsora que leva a personagem a fazer a revolução, juntando-se às mulheres guerreiras de Tijucopapo. A própria linguagem está impregnada de semas violentos, como expressão de uma subjetividade amarga, que busca na luta o resgate da dignidade perdida¹⁰.

Esse corpo que responde violentamente às agressões sofridas, ameaçando revolução e ataques, assim como o corpo inerte de Ponciá, encena, de diferentes formas, o corpo-campo de batalha de que fala Arlindo Barbeitos¹¹, e também o corpo colonizado, discutido por autoras como Gloria Anzaldúa¹² e Chandra Mohanty¹³. Mas esse corpo é também uma fala, um discurso. Como assinalou Donna Haraway, “estamos dolorosamente conscientes do que significa ter um corpo historicamente constituído”¹⁴, pois, ainda segundo a autora, “nossos corpos são mapas de poder e identidade”¹⁵. Recusando a “colonialidade do poder”, de que fala Walter Mignolo¹⁶, as protagonistas das narrativas se negam a ser cindidas, corpos colonizados falados por outros, autores de saber e poder que lhes são alheios e superiores. Trata-se, em última instância, daquilo que se pode considerar a luta pelo poder de significar, ou

⁹ Id., p. 155.

¹⁰ Xavier, *Que corpo é esse?*, p. 120.

¹¹ Barbeitos, “Une perspective angolaise sur le lusotropicalisme”.

¹² Anzaldúa, “La consciencia de la mestiza/Rumo a uma nova consciência”.

¹³ Mohanty, “Under western eyes: feminist scholarship and colonial discourses”.

¹⁴ Haraway, “Um manifesto para os cyborgs: ciência, tecnologia e feminismo socialista na década de 80”, p. 253.

¹⁵ Id., p. 281.

¹⁶ Mignolo, *Histórias locais, projetos globais*.

seja, da atribuição de sentidos ao mundo e a si mesmas. Essa luta empreendida pelas protagonistas através do relato de suas histórias atualiza a afirmação de Haraway de que “as disputas envolvendo os diversos significados atribuídos à escritura representam uma forma fundamental de luta política contemporânea. A liberação do jogo da escrita é mortalmente séria”¹⁷.

As personagens das narrativas em questão desejam falar de sua experiência, desejam entrar na arena pela disputa de significado, através da representação de si mesmas. Por isso se movimentam, tomam a estrada, não se fixam, vão, voltam, buscam. A questão identitária que está posta nessa busca é vital para cada uma delas. Rísia e Ponciá se constituem nessa busca de um outro lugar, que não sabem exatamente qual é, mas que certamente as mobiliza. Pode-se mesmo dizer que sua identidade se faz no próprio movimento. Sua condição de passagem e transitoriedade, a busca incessante que as impele de um a outro lugar, talvez possa ser identificada à condição dos exilados. E aqui situo as personagens das narrativas dentro de um campo particularmente significativo, ao identificar a experiência das personagens com aquela que considero uma das mais representativas experiências contemporâneas, ou seja, a experiência da perda de referências fixas, do sentido da origem, e o imperativo da mudança e do movimento como uma constante que desestabiliza e intersecta os vetores da identidade.

Sair de casa representa, para cada uma das personagens analisadas, a busca daquilo por que mais anseiam: a cidade; ainda que frustrante, agressiva, brutal, ela promete a liberdade de uma incessante busca, que apenas se inicia no ato de partir. Cada uma a seu modo, as duas mulheres, Rísia e Ponciá, vão tentar a volta para casa, seja a mítica casa materna representada por Tijucopapo, seja a casa da infância, ansiosamente desejada no retorno sempre sonhado, e jamais alcançado, por Ponciá. Mas a volta para casa não é possível, porque a casa não existe mais. Porque o caminho para fora de casa é um caminho sem volta. O exílio, segundo Said, é um lugar onde se vivencia, paradoxalmente, de um lado a dor de “uma fratura incurável”, e de outro, a liberdade existencial de quem “atravessa fronteiras, rompe barreiras do pensamento e da experiência”¹⁸. Tal experiência de liberdade pode ser interpretada, por um lado, como o objeto de desejo que move as personagens do princípio ao fim das narrativas, fazendo delas mulheres guerreiras que

¹⁷ Haraway, *op. cit.*, p. 253.

¹⁸ Said, “Exílio intelectual: expatriados e marginais”, p. 58.

ultrapassam as prescrições que historicamente as fixavam à casa materna. Em nome dessa liberdade de atravessar fronteiras é que as personagens se movimentam, erram, perdem-se, mas recomeçam. Para tentar a volta ao povoado em busca da família (Ponciá), para juntar-se às mulheres guerreiras de Tijucopapo e instaurar a guerra (Rísia).

A metáfora do retorno à casa está representada de uma forma muito bela, e cheia de grave solenidade, na cerimônia fúnebre que conclui o livro *Na casa de meu pai*, de Kwame Anthony Appiah¹⁹. Nesse texto também encontramos o retorno à casa paterna, e aqui o retorno se reveste de um significado mítico de volta às origens, ao mesmo tempo em que no interior do próprio gesto de retorno se debatem o antigo e o moderno, a ancestralidade representada pela tradição da família africana e o elemento mestiço, desterritorializado, pós-colonial, que o autor representa no seio dessa tradição.

Africano de nascimento, europeu e norte-americano por formação e atuação profissional, o autor vê no retorno ao país natal e à casa paterna o religar-se à tradição ancestral, ao mesmo tempo em que entra em colisão com ela. O enterro de seu pai, uma autoridade política na África, se transforma numa verdadeira guerra entre Appiah e a família paterna, que deseja seguir estreitamente os ritos tradicionais, ao contrário do autor e suas irmãs, que, em conformidade com o desejo do pai, preferem uma cerimônia de outra natureza, contrária à tradição. Revisitar a casa paterna representa, portanto, para o autor, travar uma luta surda no interior de sua própria identidade, em que se debatem o culto ao passado e a imperiosa necessidade de provocar a mudança. A experiência vital que aqui se representa é a da desterritorialização. O filho que retorna à casa paterna, para enterrar o pai, é um sujeito pós-colonial, em cuja identidade se debatem forças diversas, que resultam de seu constante movimento de dentro para fora, de fora para dentro. Ao concluir seu relato, o autor se lembra de um provérbio de sua terra: “O clã materno é como a floresta; quando se está fora, ela é densa, quando se está dentro, vê-se que cada árvore tem sua posição própria”. E conclui: “Enquanto viver, sei que não estarei fora dessas florestas”²⁰.

Enfim, voltando às personagens e suas narrativas, o que se pode concluir é que a errância entre a casa materna e o estar fora, no mundo, constitui sua condição, que é marcada pelo exílio, mas também pela busca libertadora.

¹⁹ Appiah, *Na casa de meu pai*, pp. 253-68.

²⁰ Id., p. 268.

Seu ponto de origem, a casa, só pode ser revisitado na perspectiva da floresta, cujas árvores mudam constantemente de posição, recusando a fixidez, diluindo a ilusão de reconquista de uma identidade perdida. Do lado de fora, elas negociam novos sentidos para sua existência, mas se ancoram na certeza imaginária de que, enquanto viverem, poderão voltar à floresta. Deste modo, partindo e voltando, num rito que se cumpre como uma iniciação, elas vivenciam o exílio como experiência nômade e contrapontística, mas também, ao mesmo tempo, reinventam o seu pertencimento. Na carta que escreve à sua mãe, no final da narrativa, Rísia inscreve sua provocadora esperança: “É isso mesmo, mamãe. Eu quero que minha vida tenha um final de filme de cinema em outra língua, em língua inglesa. Eu quero que tudo me termine bem”²¹. E enquanto, na estação de trem, o irmão de Ponciá reconhece o seu vulto aluado, lá fora o arco-íris, o mesmo *angorô* multicolorido das tardes da infância, se dilui lentamente.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Miguel Vale de. *Um mar da cor da terra: raça, cultura e política da identidade*. Oeiras: Celta, 2000.
- ANZALDÚA, Gloria. “La consciencia de la mestiza/Rumo a uma nova consciência”. *Revista Estudos Feministas*, v. 13, nº. 3. Florianópolis, 2005, pp. 704-19.
- APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. “Formas de tempo e de cronotopo no romance (ensaios de poética histórica)”, em _____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 1988. pp. 211-362.
- BARBEITOS, Arlindo. “Une perspective angolaise sur le lusotropicalisme”. *Lusotopie 1997: Enjeux contemporains dans les espaces lusophones*, Paris: Karthala, 1997. pp. 309-26.
- EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. 2ª. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.
- FELINTO, Marilene. *As mulheres de Tijucopapo*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 34ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

²¹ Felinto, *op. cit.*, p. 188.

- HALL, Stuart. “Pensando a diáspora; reflexões sobre a terra no exterior”, em _____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. pp. 25-50.
- HARAWAY, Donna. “Um manifesto para os cyborgs: ciência, tecnologia e feminismo socialista na década de 80”, em HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. pp. 243-88.
- LEMAIRE, Ria. “Metaforizar. des-metaforizar, re-metaforizar – qual é a verdade que (não) se quer revelar? O caso de *Casa-grande e senzala*”. *Rivista di studi Portoghesi e Brasiliani*, nº. II. Roma, 2000, pp. 125-37.
- MEMMI, Albert. Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- MIGNOLO, Walter. *Histórias locais, projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- MOHANTY, Chandra Talpade. “Under western eyes: feminist scholarship and colonial discourses”, em LEWIS, Reina and MILLS, Sara (eds.). *Feminist postcolonial theory*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2003.
- PRATT, Mary Louise. “A crítica na zona de contato: nação e comunidade fora de foco”. *Travessia: revista de literatura*, nº. 38. Florianópolis, 1999, pp. 7-30.
- RIBEIRO, Margarida Calafate. *Uma história de regressos; Império, guerra colonial e pós-colonialismo*. Porto: Afrontamento, 2004. Parte II.
- RICH, Adrienne. “Notas para uma política da localização”, em MACEDO, Ana Gabriela (org.). *Gênero, desejo e identidade*. Lisboa: Cotovia, 2002. pp. 15-35.
- RICHARD, Nelly. “Experiência e representação: o feminino, o latino-americano”, em _____. *Intervenções críticas: arte, cultura, gênero e política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. pp. 142-55.
- SAID, Edward. “Exílio intelectual: expatriados e marginais”, em _____. *Representações do intelectual: as palestras de Reith de 1993*. Lisboa: Colibri, 2000. pp. 51-62.
- _____. “Reflexões sobre o exílio”, em _____. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. pp. 46-60.
- _____. “A representação do colonizado: os interlocutores da antropologia”, em _____. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. pp. 114-36.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. “Do pós-moderno ao pós-colonial. E para além de um e outro”. *Conferência de Abertura do VIII Congresso Luso-Afro-*

Brasileiro de Ciências Sociais, 2004, Coimbra. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/misc/Do_pos-moderno_ao_pos-colonial.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2008.

SILVA, Tony Simões da. “Raced encounters, sexed transactions: ‘lusotropicalism’ and the Portuguese colonial empire”. *Pretexts: literary and cultural studies*, v. 11, nº. 1. July 2002, pp. 27-39.

THOMAS, Omar Ribeiro. “Tigres de papel: Gilberto Freyre, Portugal e os países africanos de língua oficial portuguesa”, em BASTOS, Cristiana; ALMEIDA, Miguel Vale de; FELDMAN-BIANCO, Bela (coords.). *Trânsitos coloniais: diálogos críticos luso-brasileiros*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2002.

Xavier, Elódia. *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino*. Florianópolis: Mulheres, 2007.

Recebido em agosto de 2008.

Aprovado para publicação em outubro de 2008.